

Uma etnografia do galanteio nos terrenos da ficção: afinidades eletivas entre antropologia e literatura^{1,2}

Alessandra El Far³

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: Este artigo tem por principal objetivo discutir algumas afinidades entre antropologia e literatura. Para isso, o romance *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, é recuperado com o propósito de mostrar como certas obras literárias podem ser lidas, para além de seu carácter ficcional, como etnografias da vida social. Essa história de amor não apenas discorre sobre os ideais românticos de um jovem casal. Ela também oferece aos seus leitores um quadro dinâmico no qual é possível identificar as tensões, disputas e os valores compartilhados em torno do casamento por um grupo seleto de moças e rapazes advindos da elite urbana do Brasil imperial. Por fim, esse artigo elucidada, igualmente, a maneira pela qual alguns antropólogos tomaram de empréstimo a narrativa literária para reconhecer na monografia nascida do trabalho de campo um discurso subjetivo sobre realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia e literatura, etnografia, discurso social, subjetividade, namoro, século XIX, *A Moreninha* (1844).

Os romances podem ter, portanto, além de suas qualidades como obras literárias, qualidades como análises sociais.

Howard S. Becker

Muitas obras de ficção mantêm certos laços de parentesco com a antropologia, e é provável que um romancista seja, em vários casos, um antropólogo imaginoso, livre de amarras teóricas e de estudos de campo. Esse grau de parentesco é variado, mas alguma coisa essencial une o estudo antropológico ao texto de ficção: ambos falam do Outro e elaboram um discurso sobre a alteridade.

Milton Hatoum

1. Literatura como análise social

Nas páginas que antecedem *A Moreninha* (1844), Joaquim Manuel de Macedo conta aos leitores que seu romance não nascera de uma experiência amorosa verídica. Em férias, na pequena cidade do Itaboraí, onde nascera, o jovem escritor, que contava naquela época com 23 anos de idade, desfrutava dias de “desenfado e folga”, e quase entregue ao ócio, pôde dar vez à sua imaginação que, longe do “bulício” da corte, assentou-se e, espaçosa, fez suas traquinagens (Macedo, 1844, pp. 5-6).

Dela nasceu a história de amor entre a virtuosa Carolina e Augusto, um sedutor estudante de medicina, em meio aos entretenimentos galantes de um pequeno grupo de pessoas pertencentes às camadas abastadas da sociedade imperial carioca. *A Moreninha*, romance de estreia de Joaquim Manuel de Macedo⁴, foi muito bem recebida pelos leitores⁵ e elogiada pela crítica de sua época, que consagrou seu autor como um dos principais percursores do romantismo no Brasil (Serra, 2004, pp. 40-46; Almeida, 2008; Augusti, 1998).

O êxito imediato de *A Moreninha* incentivou Macedo a escrever, ao longo de sua vida, mais de uma dezena de romances, algumas peças de teatro, uma série de crônicas sobre a vida carioca, dentre outros gêneros literários. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, porém logo abandonou a profissão para atuar no jornalismo e na vida pública do Império. Foi deputado pelo Partido Liberal, professor das filhas da princesa Isabel e ocupou a cadeira de História no conceituado colégio D. Pedro II. Como poucos, transitou por diversos círculos da elite letrada e política do país. Apesar do grande prestígio social que adquiriu e da sua extensa atividade literária, nenhuma de suas obras obteve o mesmo sucesso de *A Moreninha*.

Além de oferecer uma narrativa dinâmica e de fácil leitura, esse pequeno romance soube usufruir de alguns elementos já presentes nas novelas europeias de larga repercussão, como a divulgação da moral burguesa, a exaltação de sentimentos puros, o amor nascido na infância, lendas de um passado remoto e a presença da natureza. Soube também inserir no enredo ingredientes que expressavam e valorizavam a nação brasileira, como a temática indígena e letras de lundu (Cano, 2012). Porém, nas últimas décadas do século XIX, a apreciação sobre a obra de Macedo, por intelectuais mais próximos ao estilo narrativo de José de Alencar e Machado de Assis, passou a ver com exagero o teor romanescos dessas “leituras para senhoras e senhoritas”, que, segundo José Veríssimo, caminhou da “sentimentalidade até à pieguice”, filosofou “banalidades” e se fartou em moralizar “impertinentemente” (Veríssimo, 1963, p. 173).

Em a *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido salientou o teor raso da narrativa novelesca de Macedo, mais preocupada em divertir o “público mediano” de seu tempo com as sucessivas peripécias e dramas açucarados de seus personagens. Nas palavras do crítico literário, Macedo teria cedido em sua “obra longa e prolixa”, “a um impulso irresistível de tagarelice”. Entretanto, se por um lado, sua peculiar tendência à

prosa falada teria banido de seus enredos recursos narrativos mais sofisticados e personagens de maior densidade psicológica, por outro, levou o romancista “a observar tudo o que estava à roda” e, assim, descrever “fielmente” a vida burguesa no Rio de Janeiro daquele tempo (Candido, 1997, pp. 122-124).

Essa “fidelidade ao real” conferiu a Joaquim Manuel de Macedo o mérito de ter, ainda na visão de Antonio Candido, “lançado a ficção brasileira na senda dos estudos de costumes urbanos” (Candido, 1997, p. 128). Nesse viés, ele deu à luz, para o entusiasmo dos estudiosos do século XIX, a uma variedade de tipos citadinos mergulhados em suas redes de sociabilidade, sistemas de posições sociais e conflitos de interesse com o intuito de discorrer sobre questões que andavam no rol das expectativas e preocupações daquele período⁶.

Em *A Moreninha*, um tema bastante específico, porém central na vida de uma pequena burguesia urbana, ganhou a pena de Joaquim Manuel de Macedo: os jogos de galanteria entre os jovens em idade de casamento. Com perspicácia, o literato revelou uma série de estratégias e cálculos minuciosamente colocados em prática pelas personagens, interessadas em obter benefícios individuais em suas investidas amorosas. Cada um, ciente de seu lugar na estrutura hierárquica do Brasil imperial, agiu e reagiu de acordo com seu “campo de possibilidades” (Velho, 1981, p. 27), almejando, acima de tudo, despende o mínimo de esforço e dinheiro a fim de obter o máximo de vantagens sociais e desejos sensuais consumados.

No início do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, que recebeu, no ano de 1808, a família real portuguesa, passou por uma série de profundas transformações: a consolidação do capitalismo, o desenvolvimento urbano, a emergência de profissões liberais, o enraizamento de uma mentalidade burguesa, a construção de espaços públicos de convivência, o aumento populacional, e, entre outros, a abertura de estabelecimentos comerciais que procuravam atrair a atenção dos consumidores ofere-

cendo uma variedade cada vez maior de serviços e produtos. Foi nesse cenário que os grandes proprietários de terra deixaram o campo para residir em elegantes sobrados situados em bairros próximos ao centro. As famílias, que agora faziam parte da elite urbana da corte, passavam a frequentar cafés, teatros, bailes, jantares, jardins, oferecendo às mulheres, antes confinadas unicamente às demandas da casa grande, novos entretenimentos e formas de sociabilidade. Apesar do senhor ainda constituir o centro da organização social brasileira, tornava-se patente, frente a essas mudanças, os primeiros sinais de arrefecimento do poder patriarcal (Freyre, 1990; Candido, 1951).

Os jovens, por sua vez, herdeiros desses novos arranjos sociais, dinâmicas no espaço urbano e sensibilidades, começavam a vislumbrar em seu cotidiano algumas brechas, que, bem aproveitadas, podiam gerar saldos positivos em suas escolhas individuais. Mesmo cientes de ser o casamento ainda uma decisão de seus pais, que tudo faziam para consolidar alianças vantajosas, em termos econômicos e sociais, muitos foram os rapazes e as moças que imergiram no campo incerto e movediço das afetividades, desenvolvendo, em certos casos, grande habilidade nas artes da sedução. Sob a vigia dos pais e parentes mais próximos, agiam com cautela, mas sempre que podiam ousavam passos mais largos nas “veredas sociais do namoro” (Candido, 1997, p. 124).

Atento a esses jogos de conquista, que tinham uma importância significativa na mente daqueles que participavam da vida social da corte⁷, Joaquim Manuel de Macedo relatou, em *A Moreninha*, não apenas os ideais românticos de um jovem casal. Ele ofereceu aos seus leitores um quadro dinâmico no qual era possível reconhecer os esforços dispendidos bem como os ganhos afetivos e sociais conquistados e, às vezes, perdidos por um grupo de jovens, que buscavam aproveitar com astúcia as esparsas oportunidades que surgiam em seu cotidiano. Na narrativa de Macedo as moças, mesmo restritas às normas ditadas pelos bons costumes,

atuavam de modo ativo e, não raro, mantinham correspondência com mais de um pretendente, contavam com a ajuda de confidentes e meninos de recado, maldiziam suas concorrentes, e, sobretudo atentavam aos modos de se vestir, de falar, olhar e agir. Os rapazes, por desfrutar de maior liberdade moral, analisavam o momento adequado para o casamento, já que o universo galante das conquistas efêmeras poderia render momentos de satisfação sensual, isentos dos compromissos financeiros e sociais que um relacionamento estável exigia.

De certa forma, em seu romance de estreia, Macedo apresentou ao público leitor uma etnografia das práticas de galanteio postas em prática por um grupo social seletivo que habitava a corte na primeira metade do XIX. O literato não apenas descreveu como também traçou os campos de atuação e tensão de alguns tipos sociais, tais como o jovem bacharel, a esposa ideal, a namorada, o pai de família no interior de códigos culturais compartilhados por todo o grupo. De fato, essas personagens não existiram na vida real. No entanto, mesmo criadas no âmbito da ficção, elas revelavam uma série de situações, costumes e práticas cotidianas que faziam parte do universo mental das pessoas daquela época. O sucesso editorial de *A Moreninha* é um forte indício dessa estreita relação entre ficção e realidade. As pessoas liam a história de Joaquim Manuel de Macedo porque sob diversos ângulos ela dialogava com as experiências de vida de homens e mulheres daquele tempo.

Ao escrever sobre o romance *Orgulho e Preconceito*, Howard Becker enfatizou que Jane Austen havia apresentado, no decorrer de sua narrativa, “uma análise bem construída dos costumes de casamento de um grupo particular da aristocracia rural inglesa no início do século XIX”, constituindo assim uma etnografia “como aquela que um antropólogo, um sociólogo ou um historiador de inclinação demográfica poderia ter produzido com tempo suficiente e uma verba para pesquisa grande o bastante” (Becker, 2009, pp. 233 e 238). Na perspectiva de Becker, Jane

Austen, mesmo tendo escrito um romance ficcional, procurou apoiar suas personagens em uma “verdade mais geral”, tendo, assim, como resultado uma “história analítica sobre as práticas de casamento naquela época, naquele lugar” (Becker, 2009, p. 239). Os dramas afetivos narrados, bem como seus desenlaces, não existiram na vida real, mesmo assim se baseavam nas contingências diárias e afetivas de um determinado grupo de sujeitos históricos e foram apresentados aos leitores de modo coerente.

Orgulho e Preconceito não era um relato baseado em fontes armazenadas em arquivos históricos. Mas nem por isso as pessoas deixavam de aprender sobre as emoções e os vínculos sociais relacionados à “carreira matrimonial” na Inglaterra rural do Oitocentos. O romance de Jane Austen em nada seria, segundo Becker, “inferior a uma descrição histórica benfeita”. “Diferente, mas não inferior”, ou ainda nas palavras do sociólogo, “talvez até em certos aspectos, superior”. Explica ele:

Superior no seguinte aspecto: podemos saber mais sobre os detalhes cotidianos do processo de contrair um casamento; mais sobre os altos e baixos de uma relação; mais sobre os momentos em que ele parecia impossível e depois como alguma coisa aconteceu para torná-lo possível novamente; mais sobre as mudanças das emoções por vezes voláteis das pessoas e o modo como suas interpretações sobre outras pessoas envolvidas mudam, em consequência de todo tipo de influências transitórias e não tão transitórias de amigos, parentes e “da comunidade” e seus padrões, tal como aparecem em detalhes pequenos, sutis, da interação diária. Aprendemos sobre o que uma sociedade poderia chamar de as contingências de uma carreira marital (Becker, 2009, p. 240).

Já que a literatura nasce inevitavelmente de um contexto localizado no tempo e no espaço, muitos historiadores e cientistas sociais tomaram os enredos de ficção como uma privilegiada via de acesso ao universo men-

tal das pessoas do passado⁸, com o propósito de conhecer perspectivas e sensibilidades que dificilmente seriam resgatadas em documentos oficiais e demais fontes de cunho institucional. Mesmo não sendo a realidade em si, essas narrativas, por estarem profundamente ligadas à história, moldando e sendo moldadas pelos leitores de sua época, seriam capazes de evidenciar atitudes, ambiguidades e experiências sociais (Said, 1995, pp. 12 e 23; Facina, 2004, p. 23).

Partindo dessa estreita aliança entre texto ficcional e contexto cultural, tenho por objetivo nesse artigo seguir a trilha deixada por Howard Becker e mostrar que *A Moreninha*, além de nos levar a costumes já desfeitos pelo tempo, pode ser vista também como uma narrativa etnográfica, que ao seu modo expõe e analisa as práticas de galanteria no interior de um grupo específico de sujeitos sociais imersos em seus códigos de sociabilidade e formas de interação. Sem tomar o texto literário como um documento verídico de época, mas sim como um discurso socialmente construído, que possui a liberdade de estabelecer com a realidade uma relação “arbitrária e deformante” (Candido, 2000, pp. 12-13; Gay, 2010)⁹, irei intercalar trechos de *A Moreninha* com memórias, manuais de comportamento e análises historiográficas, buscando, assim, situar o enredo de Macedo nos dilemas daquela época.

Para então, cumprida essa tarefa, fazer algumas aproximações entre texto literário e narrativa antropológica. Nas últimas décadas do século xx, a objetividade da escrita etnográfica, que tanto se apoiou nas metodologias do trabalho de campo, foi posta à prova por intelectuais que enfatizavam a presença inevitável da visão subjetiva em toda construção discursiva. O antropólogo não criava, como o literato, dramas e personagens. Mas, ao elaborar um discurso sobre outro, fabricava, à sua maneira, uma representação da realidade.

2. Práticas de galanteria e sensibilidade romântica

A Moreninha começa sua história com uma aposta entre quatro estudantes de medicina: Fabrício, Leopoldo, Augusto e Filipe. Afirmando ser incapaz de amar uma mesma mulher por três dias seguidos, Augusto aceita o desafio proposto por Filipe: escrever um romance confessional caso ele se apaixone por uma única jovem ao longo de quinze dias ou mais.

O cenário da prova seria a casa da vó de Filipe, na ilha^{***}, cujo nome o autor prefere não anunciar, durante a véspera e o dia de Sant’Ana, onde estaria reunido um grupo seleto de convidados adornado, em especial, com a presença de três moças de singular formosura, cada uma representando um tipo ideal de beleza valorizada pelas camadas urbanas abastadas. Joana, “uma jovem de 17 anos”, de olhos e cabelos negros, “pálida... romântica e, portanto, sublime”; Joaquina, um ano mais nova, “loira... de olhos azuis”, “enfim, clássica e por isso bela”; e Carolina, a moreninha, de 14 anos, “interessante, travessa e engraçada” (Macedo, 1844, p. 14).

Mas, antes mesmo do esperado fim de semana, Fabrício, “em apuros” (Idem, p. 21), escreve uma carta a Augusto, que, apesar de se apresentar em público como um incorrigível sedutor, declara somente aos mais íntimos sua profunda crença na paixão romântica. Na missiva, Fabrício conta um segredo a Augusto. Joana, uma das moças que estaria nos festejos de Sant’Ana, tornara-se há pouco sua namorada, um relacionamento que ele desejava terminar com a ajuda do amigo, já que as demandas afetivas de Joana, condizentes com os galanteios da elegante burguesia citadina, lhe rendiam apenas desvantagens emocionais e prejuízos financeiros. Fabrício relatava ainda ao amigo que, antes de seu envolvimento com Joana, ele encontrava-se satisfeito com o seu “sistema” de conquistas amorosas, que, segundo ele, consistia em três pontos básicos:

1°. Não namorar moça de sobrado. Daqui tirava eu dois proveitos, a saber: não pagava o moleque para me levar recados, e dava sossegadamente, e à mercê das trevas, meus beijos por entre os postigos das janelas.

2°. Não requestar moça endinheirada. Assim eu não ia ao teatro para vê-la, nem aos bailes para com ela dançar, e poupava meus cobres.

3°. Fingir ciúmes e ficar mal com a namorada em tempo de festas e barracas no campo. E por tal modo livrava-me de pagar doces, festas e outras impertinências.

Estas eram as bases fundamentais do meu sistema” (Idem, pp. 23-24).

Augusto discordava e, divagando sobre os ideais sublimes do “amor platônico”, perguntava ao amigo se ele já havia experimentado a beleza de escrever uma “carta abrasadora” à sua “adorada” e “receber em troca uma alma de moça, derramada todo inteira em suas letras, que tantas mil vezes se beija”. Em sintonia com os novos preceitos da sensibilidade romântica, o amor, para Augusto, deveria ser um sentimento capaz de despertar as faculdades sublimes do espírito, assim até mesmo a moça feia e estúpida poderia surgir na imaginação de um jovem de qualidades elevadas como bela e espirituosa. O importante, portanto, era transcender as demandas e prazeres imediatos para colocar em primeiro plano a vida interior, sinônimo de profundidade, espiritualidade, elevação e liberdade (Nunes, 2011, p. 58)¹⁰.

No entanto, Fabrício, que passava ao largo desses ideais, apreciava muito mais “sorver beijos voluptuosos por entre os postigos de uma janela, do que sorvê-los em sonho e acordar com água na boca”. Mesmo assim, deixou-se convencer pelo amigo e saiu em busca de um “namoro romântico”, que desde o início se manifestou como um fardo insustentável na vida do estudante (Macedo, 1844, pp. 24-25).

Certa noite, contava Fabrício ao amigo, ele avistou Joana, no Teatro de São Pedro de Alcântara. Impacientemente, o jovem fez de tudo para

chamar a atenção da moça que nem o notou. Isso o levou ao “brejeiro” Tobias, o menino de recados, que em troca de “comissão”, oferecia ao estudante seus serviços: “O recado de meu senhor é uma carambola que, batendo ao meu ouvido, vai logo bater no da Sra. D. Joaquina”. Interessado em um negócio rentável, Tobias enfatizava ainda a Fabrício que D. Joaquina “morria por se casar” (Idem, pp. 29-30).

Graças à eficiência de Tobias, Joana, antes mesmo de começar o segundo ato, concedia a Fabrício alguns olhares miúdos, que o jovem procurava manter a todo custo a fim de colocar em prática toda “mímica amantética”, baseada em breves gestos corporais, que ele conhecia, na esperança de estabelecer com Joana um diálogo íntimo e secreto, que pudesse passar despercebido diante dos olhares vigiantes de familiares e amigos. O namoro entabulou-se, como se dizia na época, para a “desgraça” de Fabrício, que logo se viu refém do “despotismo” de Tobias, sempre pronto a lhe pedir “crédito suplementar”, e das difíceis exigências de sua “amada romântica”. Numerava ele, a Augusto, os pedidos de Joana:

Primo. Devo passar por defronte da sua casa duas vezes de manhã e duas à tarde. Aqui vês bem, principia a minha vergonha, pois não há pela vizinhança gordurento caixeirinho nenhum que se não ria das minhas barbas quatro vezes por dia.

Secundo. Devo escrever-lhe, pelo menos, quatro cartas por semana, em papel bordado, de custo de 400 réis a folha. Ora, isto é detestável, porque eu não sei onde vá buscar mais cruzados para comprar papel, nem asneiras para lhe escrever.

Tertio. Devo tratá-la por - minha linda prima - e a ela a mim por - querido primo. Daqui concluo que a Sra. Joana leu o Faublas. Boa recomendação!...

Quarto. Devo ir ao teatro sempre que ela for, o que sucede quatro vezes no mês, e o mesmo a respeito dos bailes. Esta despesa arrasa-me a mesada terrivelmente.

Quinto. Ao teatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da cor da fita que ela porá em seu vestido ou no cabelo, o que com antecedência, me é participado. Isto é um despotismo detestável...!

Finalmente quer governar meus cabelos, as minhas barbas, a cor dos meus lenços, a minha casaca, a minha bengala, os botins que calço e, por último, ordenou-me que não fumasse charutos de Havana nem de Manilha, porque era isto falta de patriotismo ...! (Idem, pp. 231-32).

Nessas passagens, Joaquim Manuel de Macedo oferece uma série de informações sobre o galanteio e o namoro no século XIX, que apenas de modo esparso e fragmentado é possível encontrar nas fontes históricas ocasionais que circundam a vida privada daquela época. Além disso, sinaliza para o leitor um quadro analítico que explora alguns dos principais dilemas que permeavam as relações sócioafetivas da elite urbana. De um lado, o jovem, que, ao desfrutar no cenário urbano de uma obediência menos severa frente à vontade senhorial, vê nos namoros de janela, nos divertimentos da corte, e, certamente, na prostituição um campo bem mais fértil para a satisfação de seus impulsos eróticos que um relacionamento casto marcado pelo compromisso sério. De outro, a moça pertencente às camadas abastadas que, sob os olhares vigilantes dos pais, preocupados em conservar sua honra e pureza, conceitos visceralmente atrelados à virgindade, encontra no casamento a única oportunidade de manutenção de seu status social. Não por acaso, os verbos mais importantes para as moças, como ironizava a narrativa de Macedo, eram “iscar, pescar e casar” e para os jovens “fingir, rir e fugir” (Idem, p. 52).

Em *A Moreninha*, Macedo ilumina e identifica a presença desse hiato em torno desses jovens atores sociais, que ocupavam lugares sociais desiguais em função das diferenças de gênero. E era justamente nesse interstício que ocorria toda a dinâmica do galanteio, alimentada permanentemente por conflitos de interesse e uma planejada economia dos afetos e vantagens sociais.

No relacionamento afetivo entre Fabrício e Joana, Joaquim Manuel de Macedo elucidava uma série de estratégias usadas naquela época: o menino de recados, as cartas de amor, o namoro à janela, a importância de alguns espaços de sociabilidade, como bailes, teatros e festejos públicos para o contato entre os jovens, e, como vimos, um curiosa “mímica amantética” composta de gestos e sinais feitos com o corpo capazes de transmitir, sem o uso de uma única palavra, mensagens vinculadas às demandas amorosas como declarações, horas para encontros às escondidas, confissões, falas de injúria e desapontamento.

Esse tipo de linguagem secreta, dedicada exclusivamente aos “feis súditos do cúpido”, numa expressão daquele período, foi fartamente divulgada por edições populares, ao longo de quase todo o século XIX. Em busca de significativos índices de venda, esses livros ensinavam um riquíssimo e variado universo de diálogos codificados baseados no uso ensaiado de leques, chapéus, bengalas, luvas ou mesmo das mãos. Como era o caso do famoso “telégrafo amatório”, que auxiliava os rapazes impedidos de conversar com as moças de sua escolha. Nele, cada letra do alfabeto correspondia a um determinado movimento das mãos pelo corpo. Assim, se um indivíduo quisesse dizer “amo-te”, ele precisava fazer a seguinte mímica: “por a mão direita sobre a cabeça (A), a mesma mão sobre o ombro esquerdo (M), ainda a mesma mão sobre o coração (O), depois mostrar três dedos da mão direita (T), e finalmente o dedo grande da mão direita sobre o nariz (E)”¹¹. No Teatro São Pedro de Alcântara, embora Joana não tivesse correspondido aos “sinais do meu telégrafo”, como dizia Fabrício, ela ao menos concedia “amiudados e curiosos olhares”, que para ele já era muito, em especial, “para quem a via pela primeira vez” (Idem, p. 31).

De todos esses códigos oferecidos aos namorados, a linguagem das flores, na qual cada flor, fruto e folha apresentava uma mensagem secreta a ela relacionada, constituía, no século XIX, o vocabulário amoroso por excelência. E, é ela que surge na história de Macedo para demonstrar

a personalidade de Joaquina, a jovem meiga de 16 anos, loira, de rosto languido e olhos azuis, que mesmo o melhor observador não hesitaria em “classificá-la entre as sansas” (Idem, p. 58). Quinquina, assim apelidada, em passeio ao jardim na casa da avó de Felipe, já com o grupo de convivas reunido para as festividades de Sant’Ana, exibia todo seu conhecimento acerca desse código amatório. Narrava Macedo:

Passeava-se. Cada cavalheiro dava o braço a uma senhora, e, divagando-se assim pelo jardim, o dicionário das flores era lembrado a todo momento.

Menina havia que, apenas algum lhe dizia apontando para a flor

– Acácia !

– Sonhei com você ! respondia logo.

– Amor-perfeito !

– Existo só para ti ! tornava imediatamente.

E o mesmo fazia a respeito de todas as flores que lhe mostravam. Era uma doura de borla e capelo em todas as ciências amatórias; e esta menina era, nem mais nem menos, aquela languida e sonsinha D. Quinquina. Fiai-vos nas sansas ! (Idem, p. 74).

No decorrer da história, a aparente sonsice de Quinquina lentamente cedia lugar a uma série de galanteios dissimulados. Entre as amigas, a jovem zombava de seu envolvimento com um tenente da Guarda Nacional. Na noite do baile oferecido durante os festejos, aceitava de um velho militar um lindo cravo que ela esconderia “com um gesto apaixonado, no palpitante seio”, passando pouco depois essa mesma flor para o bolso do jovem Lúcio (Idem, p. 183).

Outras personagens femininas também surgiam, no enredo de Macedo, plenamente atentas aos jogos amorosos, atuando de forma ativa e criteriosa com o intuito de conseguir um matrimônio, se possível vantajoso, sem ferir, ao menos aparentemente, os ideais de candura e

fragilidade que sustentavam o imaginário sobre a figura da mulher nas classes mais abastadas. Para isso, encenavam nas reuniões sociais um comportamento comedido, atitudes ingênuas e um olhar romântico, que nem sempre estavam em compasso com a difícil tarefa que precisavam desempenhar ainda jovens: obter um casamento para, com ele, desfrutar do valorizado estatuto de esposa e mãe de família.

Embora a união legítima não fosse uma realidade para a grande maioria dos brasileiros¹², na perspectiva da elite imperial o casamento, consentido pelos pais, era considerado uma das principais formas de manutenção da ordem patriarcal. Era somente ele que poderia alocar a mulher, ao se tornar esposa e mãe, em seu verdadeiro “império” na vida social: a família. Em *Cartas Sobre a Educação das Meninas* (1838), a autora que se autodesignava como “uma senhora americana”, explicava às jovens que se as “grandes cenas da vida pública” haviam sido reservadas aos homens, a elas estavam destinados outros desafios, que se desempenhados com destreza poderiam lhe render imenso respeito e admiração. Dizia ela:

A mulher amável, moderada, modesta, que examina e dirige todas as operações de sua família, que educa seus filhos, e felicita o companheiro de sua sorte, se além destas prendas essenciais, sabe tomar parte numa conversação interessante, desenhar com gosto e correção, cantar com alma e método, e decifrar no piano uma sonata, reúne tudo quanto lhe pode atrair o respeito e mino; tudo o que satisfaz a alma, recreia e distrai a imaginação. Com estes variados recursos pode aliviar o peso de seus males, suavizar o rigor das obrigações, dar novos atrativos à vida doméstica, e fazer durável e irresistível seu império (1838, pp. 91-92).

A mulher solteira, diferentemente, como bem explicou Gilberto Freyre, apagada e desprestigiada socialmente, acabava ficando com as tarefas secundárias. A ela restava, no cotidiano do sobrado, auxiliar as mulheres

casadas, cuidar das crianças, ocupar-se com os enfeites da casa, distanciando-se, assim, dos olhares respeitosos que recaiam sobre a esposa e a mãe de família (Freyre, 1990, pp. 126-127). Em alguns casos, havia também a opção da atividade de ensino no magistério ou, então, o recolhimento religioso em conventos, opções igualmente desvalorizadas pela sociedade da época (Stein, 1984, pp. 30-32).

Com esse cenário à vista, as meninas, ainda jovens, usavam a seu favor as oportunidades e ferramentas que dispunham, estabelecendo, se fosse necessário, diálogos e promessas de amor e fidelidade com mais de um pretendente. Em *A Moreninha*, uma convidada chamada Gabriela, confessava à amiga que trocava cartas com cinco pretendentes simultaneamente. Vaidosa e exibindo suas conquistas, dizia:

Eu confesso que me correspondo com cinco... isto é só para ver qual dos cinco quer casar primeiro; pois bem, ontem, uma preta que vende empadas, e que se encarrega das minhas cartas, recebeu das minhas mãos duas...

– Logo duas...?

– Ora pois; apesar de todas as minhas explicações... a maldita estava de mona; mesmo dizendo-lhe eu dez vezes ‘a de lacre azul é a do Sr. Joãozinho e a verde é do Sr. Lucas’, sabem o que fez...? Trocou as cartas!

– E o resultado...?

– Ei-lo aqui, respondeu D. Gabriela, tirando um papel do seio; ao vir embarcar, e quando descia a escada a tal preta com destreza precisa entregou-me este escrito do Sr. Joãozinho. ‘Ingrata! Ainda tremem as minhas mãos, pegando no corpo de delito da tua perfídia! Escreves a outro?’ (Macedo, 1844, p. 134).

As cartas trocadas entre os namorados pareciam ser a forma mais usual de comunicação amorosa no século XIX. D. Joaquina exigia de Fabrício quatro cartas por semana. Uma quantidade que certamente requisitava

a ajuda de cúmplices fiéis e o bom aproveitamento das oportunidades que surgiam em bailes e reuniões sociais. A inglesa Maria Graham, que viajou pelo Brasil no início da década de 1820, certa noite, deixava-se admirar pelas belas mulheres reunidas em uma “casa de campo em Botafogo”, quando foi surpreendida pelo comentário sarcástico de um conterrâneo, que teria morado no Brasil por muitos anos. De acordo com ele, “havia naquela sala pelo menos dez senhoras providas do bilhete que escorregariam na mão de seus galãs”, “tanto as casadas quanto as solteiras”. Surpresa e já um pouco “trêmula”, Maria Graham, entretanto, ouvia a seguir do amigo, uma bem-vinda correção, que logo lhe trouxe algum alívio: “não, aqui não; mas não nego que tais coisas se passam no Rio” (Graham, 1990, p. 271).

Evidentemente, era preciso que essa artimanha fosse realizada com destreza para evitar a má fama da alcunha de “namoradeira”. Um manual que oferecia modelos de cartas de amor, comercializado pela refinada Livraria Laemmert, na década de 1840, ensinava aos moços, sem muita habilidade literária, como expressar sua indignação moral às moçoilas cultivavam mais de um pretendente:

Despedida a uma namoradeira

Minha senhora,

A felicidade que V... acha em encantar todos os que a conhecem lhe faz sem dúvida dar pouco preço à conservação de um amante. [...]

Prometeu-me constância, enganou-me; pois bem, quebro desde já o meu grilhão, enquanto me sinto com forças para isso. V... me esquecerá facilmente; tem tantos objetos de distração! porém conservarei a lembrança desse pérfido sorrir, que tanto me seduziu.

[...] Adeus, Senhora; desejo que uma mudança de conduta lhe procure uma felicidade de que nem mesmo tem ideia” (Casamenteiro, s.d., pp. 33-34).

Mas se era possível encontrar com facilidade artimanhas, dissimulações e jogos amorosos fugazes nas ações de várias das jovens que compunham o enredo de Macedo, nas atitudes de Carolina, a heroína da história e a mais nova de todas, com 14 anos, encontrava-se, enfim, uma conduta condizente com a moral burguesa da época (Augusti, 1998). Carolina também participava dos entretenimentos galantes do grupo reunido para os festejos de Sant’Ana. Com a tez morena, a fala sagaz e irônica, seria ela quem iria “desbancar as loiras e pálidas europeias” (Serra, 2004, p. 39), sem, no entanto, ferir os ideais de candura que se esperava das mulheres. A jovem tinha um coração compassivo e qualidades autênticas, não corrompidas pela futilidade, “lisonjas e mentiras” geralmente presentes nos encontros sociais (Macedo, 1844, p. 203).

No decorrer da história, o leitor gradualmente depara-se com o verdadeiro caráter das personagens. Do mesmo modo que a sonsa Quinquinha é desmascarada em seus artifícios de sedução, Carolina, aparentemente travessa, não tarda a demonstrar a grandiosidade de sua alma. Augusto, que surge logo no início como um incorrigível sedutor, revela um antigo segredo: sua fidelidade a um amor de infância, que ele descobre ser Carolina. Com isso, o sublime sentimento recíproco entre os jovens ganha singularidade e culmina para um final feliz.

O amor romântico, em oposição à paixão, à sensualidade e à frivolidade da galanteria, triunfa e, nessa conjuntura, garante lugar ao casamento, ao sentimentalismo e à intensa exploração subjetiva do mundo pelos amantes (Luhmann, 1991, pp. 170-191). Os sentimentos puros de Carolina e Augusto são valorizados na trama. Diferente dos demais, eles não trocavam bilhetes às escondidas nem usavam qualquer tipo de telégrafo amatório. Conversavam quase sempre na presença de parentes ou amigos e não ousavam desrespeitar a vontade de seus familiares, mesmo nos momentos de angústia e tristeza. Graças a suas virtudes, conseguiram ver suas escolhas individuais contempladas, algo bastante

raro no contexto da sociedade patriarcal brasileira do século XIX, na qual o casamento, predominantemente, era uma decisão dos pais, que avaliavam possíveis garantias de ascensão social, relegando a um segundo plano as preferências e sentimentos de seus filhos (Leite, 1989; Santos, 2008; D’Incao, 2009; Priori, 2012).

Enfim, para além dos muitos aspectos que poderiam ser discutidos na história de *A Moreninha*, procurei, sobretudo, lançar luz sobre o olhar analítico de Joaquim Manuel de Macedo acerca do universo galante da elite imperial carioca. O literato, ao seu modo, delegou aos seus leitores um rico mapa sobre as formas de cortejo e sedução, iluminando, ao mesmo tempo, as interações e interesses em jogo no interior de um grupo social específico. A conquista amorosa sempre fez companhia aos homens, porém no cenário urbano do Rio de Janeiro imperial, esses sentimentos, modelados por códigos e valores específicos, ganhavam contornos próprios, orientando as sensibilidades e o comportamento dos indivíduos, imersos em suas próprias expectativas de felicidade.

3. Narrativa como construção da realidade

Como avisou Joaquim Manuel de Macedo, nas páginas que antecediam ao seu romance, *A Moreninha* não tratava de uma história verídica. Carolina, Augusto, Fabrício, Joana, entre outros, nasceram da imaginação literária do escritor atento às demandas do público leitor. Porém, quando notamos os pontos de diálogo entre a história de ficção e o contexto histórico do período, torna-se possível também reconhecer em Macedo a presença de um certo “temperamento etnográfico”¹³ e, na sua narrativa, os resultados de uma observação atenta em torno de um fenômeno social urbano.

Como vimos, as práticas de galanteria, descritas e analisadas por Macedo, descortinam um universo desconhecido do leitor atual. Um

universo delimitado e construído não apenas pelo seu talento ficcional. Mas, principalmente, por suas experiências e visões sociais acerca da realidade que o circundava. Macedo fala de um lugar específico, destaca alguns aspectos, silencia sobre outros e aborda um grupo seletivo de indivíduos que viveram no século XIX. Nem todas as pessoas amaram como as personagens de Macedo. A vasta população escrava daquele período, por exemplo, que vivia sob o poder das famílias senhoriais, e mesmo a mulher pobre, que frequentava livremente o espaço público da cidade, em busca de trabalho e sustento, embora assistissem aos suspiros de amor da elite abastada, não compartilhavam dos mesmos valores de honra e recato. Inseridos em redes de sociabilidade específicas, asseguravam códigos afetivos distintos em sintonia com suas condições de vida.

Mesmo sendo uma análise coerente acerca do fenômeno social do namoro no século XIX, Macedo priorizou um certo olhar e interpretou a realidade guiado por suas próprias experiências individuais e sociais. A literatura, mesmo aquela imbuída da ambição realista, de modo inevitável, constitui uma visão, circunscrita e subjetiva.

Daí resulta a singular importância da literatura para os antropólogos, que, a partir da década de 1970, procuraram mostrar a construção subjetiva do outro na narrativa etnográfica. Semelhante ao enredo de ficção, a monografia acadêmica, mesmo sendo fruto de um longo processo de observação e investigação teórica, como um empreendimento textual situado em circunstâncias históricas e culturais específicas seria, ao seu modo, uma “fabricação” do real. Uma “fabricação” não no sentido de invenção, mas sim, segundo Clifford Geertz, como uma construção subjetiva da realidade (Geertz, 1989, p. 26).

Nesse viés, as versões escritas baseadas em trabalhos de campo, para além do uso acertado da metodologia, não seriam “a história” de uma determinada sociedade ou grupo social, mas, como enfatiza James Clifford, “uma história entre outras histórias”. Clifford usa ainda os termos

“alegoria” e “metáfora” para destacar “a natureza poética, tradicional e cosmológica” dos processos de escrita do antropólogo, resultado de relações intersubjetivas, politicamente negociadas com os sujeitos envolvidos na pesquisa (Clifford, 2008, p. 74; Gonçalves, 2008).

Para esses autores, a tradução da vida social, por meio do relato etnográfico, colocaria em questão a autoridade do antropólogo em deliberar uma visão concreta e definitiva sobre seu objeto de investigação. Entretanto, não retiraria do pesquisador, imerso em uma relação de alteridade, sua tarefa central: desvendar, à luz do contexto, códigos culturais, à primeira vista destituídos de sentido, com o intuito de fornecer aos leitores, ao menos de acordo com a perspectiva hermenêutica, um quadro inteligível de compreensão daquela realidade. A cultura, vista como um texto, estaria à espera da interpretação do antropólogo. E, nesse sentido, seria possível, sob o mesmo desafio, ler uma cidade ou um ritual específico, uma pintura, manuscritos já desgastados pelo tempo, canções ou, então, um texto literário (Geertz, 2000, p. 71; Darnton, 1987).

Enquanto o homem de letras cria livremente suas personagens e as caracterizam com sentimentos e personalidades de sua escolha, o antropólogo, através de suas anotações, procura penetrar em um universo cultural estranho, recolhendo depoimentos e apoiando-se em documentos complementares. Tarefas distintas que se encontram em uma área de intersecção bem delimitada: o discurso, o texto, a escrita. Lugares onde a reflexão sobre a cultura ganha vida. Como dizia Clifford Geertz, nem sempre se tem consciência que a antropologia “existe no livro, no artigo, na conferência ou, como ocorre hoje, nos filmes”. Convencer-se disso, continua o antropólogo, seria compreender a impossibilidade de se traçar uma linha divisória entre a representação e seu conteúdo substantivo (Geertz, 1989, p. 26).

Porém, se o texto literário ajuda a refletir a respeito do próprio fazer antropológico, ele também parece convidar permanentemente o leitor a

percorrer um infinito leque de expressões culturais, que deixam menos espessas as lentes que leem a realidade sempre no singular. A narrativa de ficção ao revelar mundos diferentes, de modo similar à monografia acadêmica, traz em seu cerne o potencial de relativizar, desnaturalizar, ou, então, de colocar em perspectiva visões de mundo, escolhas e preferências.

A Moreninha surgiu da imaginação traquina de Joaquim Manuel de Macedo. E, em sua companhia, o autor mapeou os percursos da conquista galante em uma sociedade desfeita pelo tempo. Os anseios de status, os modos de sociabilidade e as expectativas eróticas e afetivas daquele grupo de jovens diferem substancialmente dos relacionamentos amorosos da juventude atual, em especial, nas grandes capitais brasileiras. A mulher solteira não enfrenta hoje a exclusão social a ela delegada no século XIX. A liberdade de encontro entre os namorados tornou até mesmo curioso os famosos telégrafos amorosos baseados em gestos ensaiados com as mãos ou mesmo os românticos significados atribuídos às flores. O divórcio legalizado, a completa inserção da mulher no mundo do trabalho, os meios modernos de comunicação e tecnologia, e uma perceptível mudança de padrões morais, entre vários outros aspectos, conferiram um nova tônica aos relacionamentos afetivos, como também às sensibilidades, aos desejos e às projeções de felicidade.

Em seu breve ensaio sobre antropologia e literatura, Clifford Geertz recupera um artigo de Lionel Trilling, crítico literário e professor em Columbia, que, no início dos anos de 1970, discorreu sobre a difícil empreitada de ensinar aos seus alunos a obra de Jane Austen. As diferentes sensibilidades, a distância temporal e o tipo de escrita sinalizavam realidades marcadas por uma perceptível lacuna. No entanto, sublinha Geertz, conectar esses dois mundos, colocá-los um contra o outro, seria, como no relato antropológico, uma forma de “sacudir nossas certezas”, “descarrilhar nossos julgamentos” ou “ferir nossa complacência” (2003, p. 33).

A literatura de Joaquim Manuel de Macedo, como tantos outros escritores do século XIX, pouco atraem nos dias de hoje o leitor moderno. Sem as cobranças das aulas de literatura ou das provas de vestibular, a falta de familiaridade com o estilo narrativo e os dilemas sentimentais privilegiados pelos autores daquele período saltam aos olhos como um lugar longínquo. No entanto, visitar essa terra distante, atravessar suas pontes ou observar os pensamentos de seus habitantes, mesmo que de forma silenciosa e velada, nos remete a experiências sociais que nos fazem, com sorte, desconfiar do “imperioso mundo do aqui e agora” (Idem, p. 33).

Notas

- ¹ Esse artigo nasceu de algumas reflexões sobre a linguagem das flores e o cotidiano do amor no século XIX, pesquisa que desenvolvi com apoio FAPESP.
- ² Agradeço pelos comentários e referências bibliográficas feitas pelos pareceristas desse artigo.
- ³ Alessandra El Far é professora de Antropologia Social da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e tem como área de interesse o olhar antropológico sobre as publicações de caráter popular no Brasil do século XIX. Suas principais publicações são: *O Livro e a Leitura no Brasil* (2006), *Páginas de Sensação* (2004), e *A Encenação da Imortalidade* (2000).
- ⁴ Segundo Silvio Romero, Macedo escreveu, em 1839, o *Forasteiro*, romance que permaneceria inédito até 1885 (Romero, 1980, p. 1401).
- ⁵ De acordo com Tânia Serra, *A Moreninha* ganhou cinco edições em três décadas, sendo a 5ª edição de 1872 e a 9ª edição de 1898 (Serra, 2004, p. 41). Segundo o jornalista Ubiratan Machado, Macedo pagou, como era comum na época, pela primeira edição de *A Moreninha* e conseguiu, pedindo que alguns escravos vendessem os exemplares de porta em porta, rapidamente esgotar essa tiragem de mil exemplares (Machado, 2001, p. 77).
- ⁶ É importante sublinhar que autores da literatura europeia, como Stendhal e Balzac, já debruçavam-se, nessa época, sobre o cotidiano, buscando mostrar aos leitores

- um retrato de seu tempo. Não por acaso, Stendhal deu ao seu romance *O Vermelho e o Negro* o subtítulo “Crônicas do século XIX”, e Balzac compilou várias de suas novelas em uma coleção intitulada “Comédia Humana”. Para isso, esses autores, como sublinhou Auerbach, mergulharam em um presente visto como história, tendo em vista que “os homens e seus ambientes”, por mais presentes que fossem, emanavam de “acontecimentos e forças históricas” (Auerbach, 2011, p. 430).
- ⁷ Segundo o sociólogo José Machado Paes, que estudou os rituais de galanteria na sociedade portuguesa, o século XIX teria sido o “século do cortejo”. “A sedução”, nas suas palavras, “era, como o duelo e a honra, uma das grandes preocupações dos meios burgueses. Por isso se preservavam complexos rituais de sedução e sensualidade” (Paes, 2007, p. 54).
- ⁸ No campo acadêmico brasileiro diversos cientistas sociais debruçaram-se sobre textos literários para elucidar conceitos teóricos ou paradigmas de época. Entre eles, cito, por exemplo: Castro & Araújo (1977), Velho (1994), DaMatta (1977, 1997), Fry (1983), Schwarcz (1992), Sevcenko (1983), El Far (2004), Facina (2004), O’Donnell (2008), Siciliano (2011), Botelho (2012).
- ⁹ Segundo Antonio Candido, o trabalho literário precisa, de certa forma, modificar a “ordem do mundo” para constituir no leitor um “sentimento de verdade”. Esse paradoxo, ainda em suas palavras, é o que, na verdade, garante a eficácia da literatura como representação da realidade (Candido, 2000, pp. 12-13).
- ¹⁰ Segundo Benedito Nunes, o movimento romântico, que surge na Europa em finais do século XVIII, reage contra o “individualismo racionalista da Ilustração” e o substitui por um “*individualismo egocêntrico*”, que vincula “o lastro idealista e metafísico da visão romântica à capacidade expansiva e à força irradiante do Eu” (Nunes, 2011, p. 58).
- ¹¹ Essa citação foi retirada do *Dicionário das flores, folhas, fructas e objectos mais visuais com suas significações ou Vedemecum dos namorados oferecido aos feis subditos de cupido*. R. J., B. L. Garnier, 1886, p. 46.
- ¹² Apesar de não ter encontrado índices referentes ao casamento no Brasil na década de 1840, na obra *A Mulher e a Sociogenia*, cujo prefácio foi escrito em 1887, vê-se que havia apenas 27,16% de pessoas casadas, 4,81% de casos de viuvez e 68,03% de solteiros. Por isso o autor, Livio de Castro, alertava: “Observemos com atenção esses 68,03%. Trata-se de uma população adulta submetida às necessidades psicológicas. Se o casamento da lei e da religião não existe para esses brasileiros, o casamento clandestino o substitui; de um lado a prostituição, de outro os nascimentos ilegí-

timos e os infanticídios hão de ter um desenvolvimento extraordinário. “*Em um país onde casa-se 27% da população o casamento clandestino é a lei, o casamento legal é a exceção*” (Castro, 1893, p. 195).

- ¹³ Essa expressão foi usada por Julia O’Donnell em sua análise sobre João do Rio e suas crônicas que tomaram a cidade do Rio de Janeiro como campo de observação (O’Donnell, 2008, p. 23).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Leandro Thomaz
2008 “Recepção crítica da prosa ficcional de Joaquim Manuel de Macedo”. In ABREU, Márcia (org.), *Trajetórias do Romance*. Campinas/São Paulo, Mercado de Letras/FAPESP, pp. 375-391.
- AUERBACH, Eric
2011 *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva.
- AUGUSTI, Valéria
1998 *O Romance como Guia de Conduta: A Moreninha e Os Dois Amores*. Dissertação de mestrado – UEL/Unicamp.
- BECKER, Howard
2009 “Jane Austen: o romance como análise social”. In *Falando da Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- BOTELHO, André
2012 *De Olho em Mário de Andrade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CANDIDO, Antonio
1997 [1957] *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, v. 2, Editora Itatiaia.
1951 “The Brazilian family”. In SMITH, T. Lynn & MARCHANT, Alexander (orgs.), *Brazil: Portrait of half a Continent*. New York, The Dryden Press.
2000 *Literatura e Sociedade*. São Paulo, T. A. Queiroz.

- CANO, Jefferson
2012 “Nação e ficção no Brasil do século XIX”. In *História Social – Revista dos Pós-Graduandos em História da Unicamp*, Campinas, n. 22-23, pp. 19-39.
- CASAMENTEIRO, Damião
s.d. *Mensageiro dos Amantes*. Rio de Janeiro, Laemmert.
- CASTRO, E. B. Viveiros de & ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de
1977 “Romeu e Julieta e a origem do Estado”. In VELHO, Gilberto (org.), *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- CASTRO, Livio de
1893 *A Mulher e a Sociogenia*. Obra póstuma. Capital Federal, Imprensa da Casa da Moeda.
- CLIFFORD, James
2008 *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.
- D’INCAO, Maria Ângela
2009 “Mulher e família burguesa”. In PRIORE, Mary del (org.), *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo, Editora Contexto.
- DA MATTA, Roberto
1997 “Augusto Matraga e a hora da renúncia”. In *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Rocco.
1977 “Poe e Lévi-Strauss: ou a obra literária como etnografia”. In *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis, Editora Vozes.
- DARTON, Robert
1987 *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro, Ed. Graal.
- EL FAR, Alessandra
2004 *áginas de Sensação. Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo, Companhia das Letras.
- FACINA, Adriana
2004 *Santos e Canalhas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- FREYRE, Gilberto
1990 *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro, Record.
- FRY, Peter H.
1983 “Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas”. In EULÁLIO, A. *et al.* (orgs.), *Caminhos Cruzados*. São Paulo, Brasiliense.
- GAY, Peter
2010 “Além do princípio da realidade”. In *Represálias Selvagens: Realidade e Ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GEERTZ, Clifford
1989 *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara.
2000 “Descoberto na tradução: a história social da imaginação moral”. In *O Saber Local*. Petrópolis, Vozes.
2003 “A strange romance: Anthropology and Literature”. In *Profession*, pp. 28-36.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos
2008 “Apresentação”. In CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.
- GRAHAM, Maria
1990 *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP.
- HATOUM, Milton
2004 “Laços de parentesco. Ficção e antropologia”. In PEIXOTO, Fernanda Arêas *et al.* *Antropologias, Histórias, Experiências*. Belo Horizonte, Editora UFMG, pp. 135-141.
- KLINGER, Diana
2012 *Escritas de Si, Escritas do outro*. Rio de Janeiro, 7 Letras.
- LEITE, Miriam Moreira & MASSAINI, Márcia Ignez
1989 “Representações do amor e da família”. In D’INCAO, Maria Angela (org.) *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto, pp. 72-87.

- LUHMANN, Niklas
1991 *O Amor como Paixão*. Lisboa, Difel.
- MACEDO, Joaquim Manuel de
1844 *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Tipografia Francesa.
- MACHADO, Ubiratan
2001 *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.
- NUNES, Benedito
2011 “A visão romântica”. In GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo, Perspectiva.
- O'DONNELL, Julia
2008 *De Olho na Rua*. Rio de Janeiro, Zahar.
- PAES, José Machado
2007 *Artes de Amar da Burguesia*. Lisboa, ICS.
- PRIORE, Mary del
2012 *História do Amor no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto.
- ROMERO, Silvio
1980 [1888] *História da Literatura Brasileira*. 5º volume, Rio de Janeiro/Brasília, INL/José Olympio.
- SAID, Edward
1995 *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SANTOS, Heloisa Helena de Oliveira
2008 *Amor, Família e Sociedade Brasileira: Literatura e Vida Íntima no Século XIX*.
Dissertação de mestrado – IFCS-UFRJ.
- SCHWARCZ, Lilia K. M.
1992 “O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradução”. In *Revista de Antropologia*,
São Paulo, v. 35, pp. 149-167.
- SERRA, Tânia
2004 *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos*. Brasília, Editora UnB.

SEVCENKO, Nicolau

1983 *Literatura como Missão*. São Paulo, Brasiliense.

SICILIANO, Tatiana Oliveira

2011 “*O Rio que Passa*” por Arthur Azevedo: *Cotidiano e Vida Urbana na Capital Federal da Alvorada do Século XX*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.

STEIN, Ingrid

1984 *Figuras Femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

VELHO, Gilberto

1994 “Literatura e desvio: Proust e Nelson Rodrigues”. In *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

1981 “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

VERÍSSIMO, José

1963 [1915] *História da literatura brasileira*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

Anônimos

Cartas sobre a educação das meninas. Por uma senhora americana. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1838.

Dicionário das flores, folhas, fructas e objectos mais visuais com suas significações ou Vedemecum dos namorados oferecido aos feis subditos de cupido. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1886.

ABSTRACT: This article's main objective is to discuss some of the affinities between anthropology and literature. In order to do so, we bring to light the novel *A Moreninha* (1844), written by Joaquim Manuel de Macedo, aiming to show how certain literary works can be read beyond their fictional aspect as ethnographies of social life. This love story talks not only about the romantic ideals of a young couple. It also offers to its readers a dynamic framework in which it is possible to identify the tensions, disputes and shared values about marriage by a select group of young men and women coming from Imperial-era Brazil's urban elite. Finally, this article also elucidates the way some anthropologists have borrowed literary narrative to recognize in the fieldwork-based monographs a subjective discourse about reality.

KEYWORDS: Anthropology and literature, ethnography, social discourse, subjectivity, courtship, 19th century, *A Moreninha* (1844).

Recebido em fevereiro de 2013. Aceito em agosto de 2013.